

**José Roberto Arruda**

Brasília tem todos os direitos. Menos um: o direito ao provincianismo. Se o espírito de província é até louvável em São Paulo megalópica e dá um certo charme ao cariocismo do Rio de Janeiro, aqui é um pecado capital contra a própria destinação histórica e política que nos envolve e deve nortear a missão civilizatória e cultural de nossas palavras, gestos e obras.

Brasília transborda de seus limites e se torna paciente e agente de uma constelação de cidades que formam o Distrito Federal. Além das satélites, o Entorno, formado por Municípios, de outras unidades federativas — penderes e dependentes —, vive dos privilégios que a capital brasileira oferece. As fronteiras são permeáveis, e tanto que o Entorno de Brasília passa a ser o Brasil. Vivemos um dramático impasse. Quanto melhor se torna o padrão de vida de Brasília, das satéli-

tes e das cidades limítrofes, mais nos tornamos um ponto de fascinação para as populações brasileiras de regiões empobrecidas.

Todavia, dizíamos, não temos o direito ao provincianismo e devemos nos comportar como capital federal, o que significa cabeça pensante dos problemas nacionais. Pensante e atuante, sensível e inteligente, com as antenas e baterias ligadas, aliando tradição e modernidade em nossas iniciativas.

Os pólos de cinema e alta tecnologia são exemplos da criatividade e modernidade constantes no governo Roriz. Na criação dos pólos, abrimos dois projetos dignos de uma capital federal.

Nos lotes urbanizados, ou semi, apontamos à Nação o caminho democrático para a solução da habitação popular, demonstrando que em um pedaço de terra mesmo as pessoas

mais carentes podem fazer brotar, como uma árvore, uma casa, resultado da criação individual e não de modelos impostos.

Projetos abertos à população brasileira, geradores e instigadores de invenções transformadoras de conceitos, de comportamentos, de mentalidades, de ações, são os que devem ser priorizados pela sociedade, empresários, governo e comunidade. É esse espírito mais universalista e menos angustiadamente provinciano que pode fazer de Brasília, não apenas a capital oficial do País, mas sua alma e sua cabeça.

Brasília deve ser pólo de integração nacional, destino já previsto na sua criação.

Caiu o Muro de Berlim. Não dá para criar o Muro de Brasília.

---

■ José Roberto Arruda é chefe do Gabinete Civil do Governo do Distrito Federal